

DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão

Ricardo Fabrício

[\(Des\)emprego na pós-globalização](#)

Talvez tenhamos de equacionar, no futuro, a partilha de emprego(s), como atenuante para a escassez

Data: 20-11-2009

Numa altura em que as perspectivas sobre o (des)emprego estão longe de serem animadoras, talvez valha fazer um esforço especulativo e contemplar o problema de maneira prospectiva, embora dando sempre como adquirido que a ideologia do pleno emprego da era pós-industrial não é mais exequível e que à nossa frente deparam-se desafios insondáveis.

Dizer que a modalidade de emprego para toda a vida deu lugar à mera probabilidade de sermos empregáveis ao longo da vida, é parte da cartilha económica que todos já sabemos de cor e para a qual tentamos estar mais (ou menos) preparados. Contudo, no meio desse esforço de ser empregável por tempo indeterminado, talvez nos escape um contorno elementar: o da mutação do trabalho e do próprio conceito de empregabilidade na pós-globalização.

A manterem-se as tendências demográficas e económicas actuais (e eu ainda não vi ninguém a refutá-las ou a apresentar outras substancialmente diferentes), o emprego poderá tornar-se, a curto prazo, numa actividade humana de acesso ainda mais restrito, sob uma pressão inimaginável, que poderá implicar reformulações nos termos em equação (emprego/empregado/empregador). As reformulações que imagino/especulo poderão fazer do(s) emprego(s) algo diferente da concepção e do(s) que temos na contemporaneidade, sobretudo, ao tornar-se menos unipessoal e mais disforme.

É nosso hábito conjugar o emprego na primeira pessoa, sem admitir plural. Eu quando falo do meu emprego, faço-o na qualidade de uma actividade exercida a título pessoal, que a mim se encontra adstrita, que é preenchida pela minha pessoa e não por qualquer outra. Resta saber até quando tal continuará assim. A confirmar-se a incapacidade para criar empregos em quantidades suficientes, talvez tenhamos de equacionar, no futuro, a partilha de emprego(s), como atenuante para a escassez, mas com implicações nos benefícios decorrentes.

Há muito que sabemos da existência de modalidades de partilha como *modus operandi*: o *time sharing* na actividade imobiliária e do *jet share* na aviação vocacionada para o transporte de executivos. Recentemente passámos a admitir o *car sharing*, para racionalizar os custos de deslocação e minimizar o impacto ambiental. Seguir-se-á o *job sharing*? Pessoas a partilhar empregos, como alternativa ao desemprego? Com algumas zonas do globo marcadas pelo forte envelhecimento populacional, contrastando com outras bastante saturadas, a prevalência do baixo crescimento económico, o agudizar de situações extremas como a pobreza e a fome, o emprego tornar-se-á num direito... partilhável? Não sei... é especulação, mas convém pensar no assunto.

Os contratos de trabalho celebram-se normalmente tendo por referência uma carga temporal horária, diária, semanal ou mensal, raramente anual. Com a mutação da empregabilidade na pós-globalização talvez sejamos forçados a incorporar cada vez mais o resultado previsionial do emprego no acto de obtenção/contratação e passar a admitir cargas temporais oscilantes a longo prazo, liquefeitas, por via de cargas máximas de valor X, distribuídas de forma irregular no tempo, embora sujeitas a mínimos pré-definidos: diários, semanais, trimestrais ou outros, que farão do emprego uma actividade de geometria variável com resultado final pré-determinado? Emprego irregular, sem formato padrão garantido, mas com resultado final pré-definido? Não sei... é especulação, mas é melhor considerar a hipótese.

Certo mesmo é que a empregabilidade não é uma matéria estática e encontra-se em metamorfose. Quem sabe se no futuro não teremos mesmo de contar com alegorias de empregos, cuja única certeza será a indissociabilidade do factor trabalho de quem o fornece, mas de maneira regressiva... desumanizante? Não sei... é especulação, mas é também uma possibilidade. Pensemos nisto...